



A História oral enquanto metodologia dentro do universo da pesquisa qualitativa: um foco a partir da análise por triangulação de métodos

Elisa Maria Andrade Brisola¹

Nilsen Aparecida Vieira Marcondes²

Resumo

Diante da relevância da metodologia da história oral no contexto da pesquisa qualitativa, este artigo argumenta as vantagens deste “casamento”. A posição adotada parte de conceituações referentes a pressupostos, coleta, transcrição e análise de dados. Discute-se também a importância da análise de tais dados por triangulação de métodos. Conclui-se no desejo de que as discussões acerca do uso desse tipo de metodologia venha a contribuir nas intervenções respaldadas pelas pesquisas qualitativas.

Palavras-chave: História Oral. Pesquisa Qualitativa. Entrevista Semi-estruturada. Triangulação de Métodos.

The oral history as a methodology within the realm of qualitative research: a focus from the analysis by triangulation methods

¹ Assistente Social. Doutorada pela PUC-SP. Chefe do Departamento de Serviço Social da Universidade de Taubaté – UNITAU. Professora do Curso de Pós-Graduação Stricto Sensu da UNITAU: Mestrado em Desenvolvimento Humano: Formação, Políticas e Práticas Sociais.

² Assistente Social. Mestranda do Curso de Pós-Graduação Stricto Sensu da UNITAU: Mestrado em Desenvolvimento Humano: Formação, Políticas e Práticas Sociais.

Recebimento: 15/05/2011 • Aceite: 23/08/2011

Abstract

Given of relevance of methodology oral history in the context of qualitative research, this article argues advantages of this “marriage”. The position adopted starts from conceits relatives pretexts, collect, transcription and analysis of informs. Argues also the importance of analysis of theses informs by triangulation of methods. It follows in the desire that the discussion about this methodology contributes in the qualitative researchs.

Keywords: Oral history. Qualitative Research. Semi-estruturada Interview. Triangulation of Methods.

Pesquisa Qualitativa

A pesquisa classificada como qualitativa, quanto à forma de abordagem da problemática, caracteriza-se como tal por pretender focar particularmente questões de uma determinada realidade ou de um determinado contexto sem a preocupação com sua

tradução unicamente através de números. E ainda, o aspecto qualitativo se evidencia no direcionamento de um estudo que consista na apreensão do “[...] universo dos significados, motivações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos [...] que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (MINAYO, 2004, p. 21 e 22).

A metodologia qualitativa de pesquisa possibilita compreender o significado que uma dada situação tem para o sujeito ou grupos de sujeitos, objeto de nossa pesquisa, bem como sua importância na vivência cotidiana deste sujeito, na execução de suas ações, desempenho de seus diversos papéis na sociedade, enfim. E isso é relevante porque tal reflexão conduz à apreensão da importância e do significado que

determinada realidade possui para o sujeito, e de não poder ser compreendido unicamente através de indicadores, tabelas e índices, embora, em determinadas situações, essas informações sejam de extrema importância. Entretanto, por si só não permitem que se chegue ao conhecimento de uma realidade em contínuo movimento, contexto no qual vive o ser humano (MARTINELLI, 2003, p. 20-21).

A pesquisa qualitativa privilegia a singularidade do sujeito, pois a atitude de escuta e o interesse por parte do pesquisador desperta no outro o impulso de revelar-se mediante a narrativa oral por exemplo. Com ela, é possível caminhar na direção do resgate da experiência de vida pessoal, familiar, profissional e social da pessoa humana, indo para além dos aspectos circunstanciais materiais e estruturais que a envolve.

Do ponto de vista dos objetivos, uma pesquisa qualitativa pode caracterizar-se, dentre outras possibilidades, como descritiva. Neste caso específico, o pesquisador centra seu interesse no registro e análise das formas de relações que o sujeito ou grupos de sujeitos estabelecem com o mundo ao seu redor num âmbito micro ou macro ou consigo mesmo.

Metodologia da História Oral

Em pesquisas qualitativas, do ponto de vista dos procedimentos técnicos, pode-se utilizar da metodologia da História Oral, tendo como dentre outras técnicas a entrevista semi-estruturada. O recorte escolhido para essa pesquisa pode abarcar quantas realidades forem consideradas de relevância para o estudo, bastando que os assuntos sejam interdependentes entre si, mantendo um nexos coerente com o objeto de pesquisa que se propõe realizar.

Os recortes citados acima representam as categorias com as quais se pretende trabalhar no desenvolvimento do estudo. Por categoria se entende

[...] conceito que abrange elementos ou aspectos com características comuns ou que se relacionam entre si [...] empregadas para se estabelecer classificações. [...] trabalhar com elas significa agrupar elementos, ideias ou expressões em torno de um conceito capaz de abranger tudo isso. (GOMES, 2004, p. 70).

O uso da metodologia História Oral, cujo recolhimento das informações se dá por meio de entrevistas, pode ser realizado sempre que se pretender produzir dados a partir dos relatos orais daqueles a serem entrevistados numa determinada pesquisa. Embora, existam críticas a respeito desta metodologia porque é carregada de subjetividade, isso não invalida o reconhecimento de que as fontes orais, muitas vezes, são únicas formas de registro e estudo de realidades tão específicas e particulares com as quais o pesquisador pode se deparar. E como se sabe, muitos documentos não passam de transmissões de relatos orais. Esta certeza imprime credibilidade à fonte oral, tão importante quanto os registros escritos.

Com a pesquisa qualitativa, que se reporta à fonte oral para buscar o significado das vivências, experiências pessoais, familiares, profissionais, comunitárias e sociais dos indivíduos, é possível aprofundar o conhecimento da realidade a partir da concepção que o pesquisado lhe atribui permitindo também que não seja necessário escolher um grande número de sujeitos e ainda compor o universo de pesquisa intencionalmente com aqueles sujeitos que melhor contribuirão para o alcance dos objetivos do estudo (MARTINELLI, 2003, p. 23-24). Nesse sentido a narrativa ganha destaque, na medida que “narrar consiste precisamente em expressar o significado da experiência através dos fatos: recordar e contar é interpretar” (PORTELLI, 1996, p. 2).

A característica elástica e flexível da história oral, como metodologia de pesquisa, permite trazer à tona dados relevantes do cotidiano dos entrevistados, que talvez por outra fonte não se conseguisse em tal medida. Sem falar que com esta metodologia é possível colocar em

evidência a fala apresentada sob a ótica dos sujeitos da pesquisa, tornando-os atores da construção teórica que se pretende com um determinado estudo. Com a História Oral é possível conhecer uma historicidade local singular visto que os pesquisados ocupam historicamente um tempo e um espaço (FERREIRA, 2000, p. 12).

Portanto a melhor forma de descobrir o que é importante e necessário para aquele sujeito individual ou coletivo daquele determinado local, com aquelas características singulares, é justamente perguntar-lhe diretamente quais suas necessidades, seus anseios, motivações, desejos, enfim, aquilo que se pretende conhecer de seu universo de vivência. Nesse aspecto, a história oral “cai como uma luva” no alcance destes objetivos, consciente de que se apoiando em narrativas orais, se pode produzir conhecimentos. E ainda, durante toda a fase de uma investigação, a reflexão e análise devem estar presentes porque na metodologia da História Oral a dialética faz parte do processo.

Quanto à escolha dos entrevistados, bem como sua quantidade tem-se, na metodologia da História Oral, liberdade de ação, uma vez que ambas as realidades são sempre guiadas pelos objetivos da pesquisa que se propõe a realizar num dado momento e dentro de um contexto determinado. Ao se formular uma pesquisa e elaborar um projeto vem à mente o questionamento sobre quem entrevistar e na direção da seleção dos entrevistados, preocupando-se, sobretudo sobre a representatividade do sujeito a ser entrevistado e menos com o número de sujeitos.

A História Oral, enquanto método enfatiza a importância de se partir do local em que o entrevistado ocupa no grupo e do significado de sua experiência. Tal método de pesquisa defende que pessoas que participaram, vivenciaram, presenciaram fatos ou situações ligadas ao assunto em estudo, podem fornecer depoimentos e informações relevantes, importantes, significativas para a questão (ALBERTI, 2004 p. 31-32).

A exemplo de outras metodologias, a História Oral, requer utilização de métodos e técnicas para a coleta das fontes orais por isso neste artigo, em particular, optou-se a título de exemplificação pela reflexão sobre o uso da entrevista semi-estruturada.

A técnica da entrevista semi-estruturada, comumente utilizada na metodologia da História Oral, possibilita a utilização de um roteiro com questões previamente definidas, e acréscimo de novas perguntas na medida da necessidade. Assim, pode-se esclarecer o que ficou duvidoso ou auxiliar na recondução dos objetivos, caso o entrevistado tenha “fugido” do assunto em pauta ou esteja com dificuldades (BONI, 2005, p. 75).

A entrevista semi-estruturada contribui para a delimitação do volume das informações, proporcionando alcance dos objetivos de forma mais eficaz, ao mesmo tempo em que possibilita que a coleta de dados ocorra num clima semelhante ao de uma conversa informal. Assim, o sujeito a ser pesquisado terá liberdade para descrever realidades referentes ao seu cotidiano, bem como explicá-lo situando-o dentro do contexto relacionado ao tema da pesquisa. (BONI, 2005, p. 75).

Quanto aos critérios para definição de quantidade de sujeitos a serem pesquisados, considera-se que tal decisão advém como consequência da própria escolha da metodologia adotada. Como neste estudo, a História Oral é tomada como um método de pesquisa, defende-se, então, a não exigência de quantidade, por partir da compreensão de que os pesquisados não devem ser considerados como “unidades estatísticas” (ALBERTI, 2004 p. 32), mas sim como pessoas humanas de valor inestimável, as quais representam um referencial qualitativo “em função de sua relação com o tema estudado” (ALBERTI, 2004 p. 32).

Portanto, no que se refere à quantidade “[...] tal decisão depende diretamente dos objetivos da pesquisa [...] o número de entrevistados pode até se restringir a uma única pessoa, se seu depoimento estiver

sendo tomado como suficientemente significativo [...]” (ALBERTI, 2004 p. 35).

Os dados a serem coletados por meio de uma entrevista semi-estruturada, tendo a metodologia da História Oral como referência, serão sempre gravados em áudio ou em vídeo ou pela complementariedade de ambas formas, posteriormente transcritos, e apagados da mídia digital após cinco anos.

Em se tratando de uso de algum possível instrumental, se este for o desejo do pesquisador, é importante que a primeira parte da coleta de dados consista na busca de informações referentes às questões de identificação do participante que constará de dados como nome, gênero, idade, cidade de residência, profissão, estado civil, escolaridade enfim informações que o pesquisador acredite ser necessário para complementação de seu estudo. Não se trata de item obrigatório, nem mesmo quanto ao tipo de informação desejada. Isso cabe ser refletido no momento do planejamento da pesquisa.

A segunda parte da coleta ocorre por meio da entrevista semi-estruturada propriamente dita, organizada em eixos estruturadores, em quantidade e em assunto diretamente relacionado ao objeto que se pretende estudar. Os eixos estruturadores são importantes na medida em que representam tópicos ou, a título de ilustração, “lembretes” ou ainda subtítulos de determinados assuntos que se pretende abordar com a entrevista, de forma que a linha de raciocínio lógico do entrevistador e entrevistado não se percam.

Análise por triangulação de métodos

Para análise qualitativa das narrativas orais, geralmente se utiliza a técnica da Triangulação. A triangulação consiste numa “estratégia de pesquisa que se apoia em métodos científicos testados e consagrados, servindo e

adequando-se a determinadas realidades, com fundamentos interdisciplinares” (MINAYO et al. , 2010, p. 71).

Trabalha-se com categorias a serem investigadas que podem ou não ser pré-definidas conforme interesse e necessidade do pesquisador. Se optar por definições prévias de categoria, após a coleta de dados, as mesmas podem novamente ser revistas ou então formuladas nesta etapa da pesquisa e não antecipadamente, de modo que possam ser classificadas e comparadas.

No primeiro processo interpretativo, deve-se realizar “uma valorização fenomênica e técnica dos dados primários, em si mesmos e à exaustão.” Posteriormente, num segundo movimento analítico, as narrativas orais são “contextualizadas, criticadas, comparadas e trianguladas” (GOMES et al. , 2010, p. 185).

A organização do primeiro processo interpretativo, ocorre mediante três etapas: primeira, preparação e reunião dos dados; segunda, avaliação de sua qualidade e; terceira, elaboração de categorias de análise.

Na primeira etapa, deve-se proceder a transcrição das entrevistas gravadas. A opção do pesquisador pode-se pautar ou não nas características paralinguísticas, ou seja, considerando a entonação da voz, silêncios, ênfase em palavras ou expressões dentre outras observações que compreende ser importante. Caso não queira se deter nas características paralinguísticas, pode-se então ater-se somente na transcrição das palavras faladas.

Cada entrevistado deve receber um código garantindo seu anonimato, sendo que todas as palavras devem ser transcritas na íntegra. Caso o entrevistado mencione algum nome, devem ser registrados somente suas iniciais como forma de também assegurar o anonimato. Na medida em que se procede a leitura das transcrições, deve-se introduzir parênteses, sempre que forem necessários, ressaltando idéias ou

pensamentos que virão à mente durante o momento em que se estiver lendo o texto (GOMES et al. , 2010, p. 186-188).

Os documentos coletados, únicos e insubstituíveis, serão copiados em arquivo de papel e mídia digital. Após guardados em lugar seguro por parte do pesquisador por cinco anos, quando então, serão destruídos.

Na segunda etapa, realiza-se a avaliação dos dados primários coletados. Esta fase é considerada uma pré-análise. Os objetivos do estudo são retomados e deve ser dado início a discussão das categorias anteriormente estabelecidas se estas foram formuladas, caso não tenham sido elaboradas, parte-se para a etapa seguinte: toma-se às narrativas orais para serem trabalhadas no sentido de refletir, contextualizar, exemplificar e elucidar as diversas dimensões do estudo que se quer realizar. E por fim, os dados qualitativos devem ser tratados ainda no sentido de conferir sustentáculos para as conclusões (GOMES et al. , 2010, p. 188-189).

Na terceira etapa de análise do material, deve-se realizar construções teóricas, mediante aproximações contínuas por meio da criação de categorias ou até mesmo criação de subcategorias dentro das categorias caso seja necessário para melhor classificação das informações. O interesse maior dentro do aspecto qualitativo, situa-se na busca da diferenciação, por isso, o foco deve ser centrado nas narrativas dos sujeitos, considerando tais falas como o material mais nobre do estudo. Tal importância deve motivar a criação e a organização de questões centrais do trabalho de pesquisa. Por fim, cabe considerar que esta terceira etapa de análise ainda representa um período de classificação prévia e não a análise final propriamente dita (GOMES et al. , 2010, p. 190-198).

No segundo movimento analítico, deve ser realizada a “[...] análise contextualizada e triangulada dos dados [...]” objetivando “[...] à reconstrução teórica da realidade.” (GOMES et al. , 2010, p. 199). Como

o propósito da investigação qualitativa não é somente quantificar diferentes pontos de vista e idéias sobre uma mesma realidade estudada, mas sim também, ou muitas vezes tão somente, explorar a diversidade delas, não se justifica, portanto partir de uma considerável amostra formada por um número expressivo de sujeitos. Acredita-se que opiniões e representações acerca de determinada realidade ou assunto têm limites. Não obstante as representações possam parecer únicas a um determinado sujeito de pesquisa ou a grupo de sujeitos que possuam características ou afinidades em comum, sabe-se que a representação de tais realidades ou assuntos não surgem das mentes individuais porque em alguma medida elas são resultados de um ideário coletivo. As representações de uma coletividade específica são em parte ou talvez quase na totalidade partilhadas. Assim sendo, deve-se analisar não somente narrativas orais, mas também as ações, inter-relações, características comuns de determinados grupos, conjuntura, contexto no qual estão inseridos, dentre outras variáveis analíticas (GOMES et al. , 2010, p. 201-202).

É importante analisar o contexto no qual as informações são geradas, focando atentamente as falas apresentadas nas entrevistas semi-estruturadas, buscando-se identificar os motivos que levam o sujeito da pesquisa a pronunciar-se da forma como faz. Também é relevante não considerar a narrativa apresentada como última palavra do sujeito e trabalhar com a expectativa de que o sujeito pode compartilhar da análise realizada.

Como primeira etapa deste segundo momento deve-se realizar a leitura aprofundada do material selecionado de forma a “impregnar-se pelo conteúdo a fim de alcançar uma visão do conjunto e ao mesmo tempo apreender as particularidades presentes nessa totalidade parcial.” Posteriormente, a leitura deve ser “ancorada em referenciais teóricos e

contextualizações que orientarão o olhar sobre os dados” (GOMES et al. , 2010, p. 205).

Na segunda etapa, deve-se procurar ir além das narrativas, buscando-se idéias por trás das transcrições das falas, ou seja, identificando representações implícitas ao texto. Esta etapa é considerada “construção de inferências” onde se irá elaborar perguntas para aprofundar tais representações implícitas. Por exemplo: 1º) Existem elementos ou aspectos que tenham características comuns nas falas apresentadas? 2º) Os temas, assuntos ou opiniões que mantêm relação entre si ? Os questionamentos contribuirão para o aprofundamento das informações coletadas e “uma vez respondidas, permitem partir para [...] busca de um quadro mais sintético e mais nítido de temáticas ou eixos orientadores da interpretação” (GOMES et al. , 2010, p. 207).

A terceira e última etapa, representa o “ápice da interpretação”. Nela, deve-se trabalhar com as questões mais amplas que “articulam modelos subjacentes às idéias” ou seja, deve-se buscar a articulação entre as informações prestadas pelos sujeitos da pesquisa com as questões mais amplas que dizem respeito, elucidam ou complementam as falas apresentadas. Nesta etapa, é necessário realizar uma reinterpretação, em outras palavras, uma interpretação das interpretações, uma construção de síntese mediante diálogo entre a literatura pertinente ao tema e as narrativas orais, textos e contextos, informações coletadas e as categorias de análise estabelecidas, num contínuo movimento dialético. Uma análise que se parte do conhecimento particular de como os sujeitos da pesquisa se pronunciam ou se comportam permite que se chegue, por indução, a uma aproximação com a realidade macro. Em outras palavras, parte-se da conjuntura esperando se chegar à estrutura(GOMES et al. , 2010, p. 207).

Portanto, a opção pela análise por triangulação, objeto de reflexão neste artigo em questão, significa assumir um comportamento reflexivo-

conceitual e prático de determinada realidade sob diferentes óticas, isso possibilita complementar com riqueza de interpretações o objeto de estudo ao mesmo tempo em que aumenta a consistência das conclusões.

Parte-se da compreensão de que os pesquisados são sujeitos históricos e também construtores do estudo, por isso é necessário assumir diante deles a postura de responsabilidade, respeito e ética que transcende o contexto da pesquisa. E isso remete o pesquisador à necessidade de assumir um comportamento na direção da comunicação dos resultados da pesquisa sob a forma que melhor atenda os limites de compreensão do receptor das informações.

Segundo Freitas (2001, p. 25), o “[...] conhecimento é sempre construído nesta inter-relação [...]”, onde o processo de “[...] aprendizagem é considerado como processo social compartilhado e gerador de desenvolvimento.” E, de acordo com Assis et al. (2010, p. 223) é “[...] a partir dessa ética de comunicação que se permite conceber o outro como co-participante dos processos de conhecimento [...]” e isso é reforçado pelas palavras de Lévy (1999):

Se os outros são fontes de conhecimento, a recíproca é imediata. Também eu, qualquer que seja minha provisória posição social, qualquer que seja a sentença que a instituição escolar tenha pronunciado a meu respeito também sou para os outros uma oportunidade de aprendizado. Por meio de minha experiência de vida, de meu percurso profissional, de minhas práticas sociais e culturais, e dado que o saber é co-extensivo à vida, ofereço recursos de conhecimento a uma comunidade. Mesmo que esteja desempregado, que não tenha dinheiro, não possua diploma, mesmo que more num subúrbio, mesmo que não saiba ler, nem por isso sou “nulo”. Não sou intercambiável. Tenho imagem, posição, dignidade, valor pessoal e positivo no Espaço do saber. Todos os seres humanos têm direito ao reconhecimento de uma identidade de saber (ASSIS, 2010 apud Lévy.1999, p. 28).

Referências

- ASSIS, S.G. Apresentação e divulgação de resultados, In: MINAYO, M. C. S.; ASSIS, S. G.; SOUZA, E.R. (orgs). **Avaliação por triangulação de métodos: Abordagem de Programas Sociais**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2010, p. 223-244.
- ALBERTI, V. **Manual da História Oral**. São Paulo: Editora FGV, 2004.
- BONI, V.; QUARESMA, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevista em Ciências Sociais. **Em Tese - Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**. Vol. 2, nº. 3, p. 68-80, janeiro a julho de 2005. Disponível em: < www.emtese.ufsc.br>. Acesso em 30 maio 2011.
- FERREIRA, M.M.; FERNANDES, T.M.; ALBERTI, V. **História Oral: Desafios para o Século XXI**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000.
- FREITAS, M. T. A. **A Abordagem Sócio-histórica como orientadora da Pesquisa Qualitativa**. Cadernos de Pesquisa nº 116, São Paulo, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-15742002000200002&script=sci_arttext>. Acesso em: 25 maio 2011, 21:57:10.
- GOMES, R. A Análise de Dados em Pesquisa Qualitativa, In: MINAYO, M. C. S. (org); DESLANDES, S. F.; NETO, O. C.; GOMES, R. **Pesquisa Social: Teoria, Método, e Criatividade**. Petrópolis: Editora Vozes, 2004, p. 67-80.
- GOMES, R. Organização, processamento, análise e interpretação de dados: o desafio da triangulação, In: MINAYO, M. C. S.; ASSIS, S. G.; SOUZA, E.R. (orgs). **Avaliação por triangulação de métodos: Abordagem de Programas Sociais**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2010, p. 185-221.
- MARTINELLI, M.L. **Pesquisa Qualitativa: um instigante desafio**. São Paulo: Editora Veras, 2003.
- MINAYO, M. C. S. (ORG.); DESLANDES, S. F.; NETO, O. C.; GOMES, R. **Pesquisa Social: Teoria, Método, e Criatividade**. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.
- MINAYO, M. C. S. ; SOUZA, E. R.; CONSTANTINO, P. ; SANTOS, N.C. Métodos, técnicas e relações em triangulação, In: MINAYO, M. C. S.; ASSIS, S. G.; SOUZA, E.R. (orgs). **Avaliação por triangulação de métodos: Abordagem de Programas Sociais**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2010, p. 71-103.
- PORTELLI, A. A filosofia e os fatos. Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. Vol. 1, n. 02. Rio de Janeiro: Tempo, 1996.